

Monteiro Lobato era racista?!

Antonio Carlos dos Santos*

Confesso que fiquei muito surpreso ao ler *O presidente negro ou o choque das raças: romance americano do ano 2228* (Monteiro Lobato, 1979), publicado em 1926 por José Bento Renato Monteiro Lobato [1882-1948]; leitura que me colocou pela primeira vez em contato direto com as ideias deste que é um dos mais renomados escritores brasileiros. Tenho claro que tal surpresa foi fruto do meu injustificável desconhecimento da vasta obra e da vida pública do nosso autor, a não ser de esparsos comentários a respeito de sua militância nacionalista e do papel fundamental que o mesmo desempenhou na defesa da existência de petróleo em nosso subsolo. Devo ainda me desculpar por estar totalmente alheio ao debate que se instalou desde 2010 em torno de *Caçadas de Pedrinho* (Monteiro Lobato, 2009), outra obra lobatiana, lançada em 1933, acusada de apresentar episódios de preconceito racial, e mesmo assim de ter sido incluída na lista de referências literárias da rede de ensino do Distrito Federal.² Somente ao travar conhecimento com esta discussão é que tive a oportunidade de me interar dos interessantes trabalhos de crítica literária e pedagogia que já abordaram tais características nas obras de Lobato (Gouveia, 2005; Lajolo, 1998; Vasconcellos, 1982).

Antes mesmo de entrar na questão central colocada, ou seja, se Monteiro Lobato seria ou não um racista, creio que devemos tratar rapidamente de outro aspecto do seu pensamento que aparece nitidamente em *O presidente negro*; trata-se do machismo. Por um lado, o antifeminismo do nosso autor fica claro mesmo quando admite que as mulheres conseguiram alcançar a igualdade política e cultural com os homens, pois, segundo ele, as mesmas permaneceram instáveis mentalmente e se transformaram em

* Professor de História na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e doutorando pela mesma instituição.

² Debate este instaurado com a formalização do processo nº 00041.000379/2010-51 pela Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR/PR) junto ao Conselho Nacional de Educação (CNE), no dia 30 de junho de 2010, mediante denúncia de autoria de Antônio Gomes da Costa Neto, na época, mestrando em Educação na Universidade de Brasília (UnB).

“mulheres-homens”, isto é, mulheres com ideias de homens. Por outro lado, ainda na visão de Lobato, quando elas lutaram pelo poder político, só fizeram enfraquecer o Partido dos Brancos, dividindo-o diante do “perigo negro”, para subitamente desmobilizar seu movimento emancipatório após uma derrota eleitoral e se reconciliar com o “macho tradicional” logo em seguida. Portanto, podemos concluir que, para Monteiro Lobato, o movimento pela igualdade de gênero, particularmente forte em sua época, não poderia ser considerada uma empreitada socialmente responsável, sendo obra exclusiva das “loucas” sufragistas britânicas. Em suma, a opinião do nosso autor sobre as mulheres pode ser muito bem resumida em uma frase e em uma fórmula, inúmeras vezes repetidas neste romance: a frase “She was false as water”, tirada do *Otelo* de William Shakespeare [1564-1616], e a fórmula “2 + 2 = ao que convém”, se referindo a uma suposta matemática feminina.

Quanto à presença ou não de racismo em *O presidente negro*, devemos primeiramente destacar sua simpatia em relação ao *eugenismo*, ideia que fundamenta seus argumentos em prol da superioridade da raça branca. Partindo da proposta de Francis Galton [1822-1911], datada do final do século XIX, de que seria possível e benéfica a realização de um processo de seleção e aperfeiçoamento das raças, assim como já se fazia com as sementes e outros animais, Monteiro Lobato enxerga que tal prática iria elevar o nível moral da sociedade humana ao eliminar seus “três pesos mortos: o vadio, o doente e o pobre”. Esta franca defesa do eugenismo por parte de nosso escritor – não podemos esquecer o fato dele ter sido membro da Sociedade Eugênica Brasileira – levou-o a admirar os Estados Unidos; admiração tornada explícita na obra em tela ao escolher a ascendência norte-americana para os personagens Professor Benson e Miss Jane, além de ter eleito aquela sociedade como o palco do seu romance futurista. Tal admiração fica ainda mais clara quando ele aclama a completa segregação racial mantida nos Estados Unidos, feito que teria assegurado a pureza das raças naquele país, primeira condição para a concretização da teoria eugenista; o mesmo ocorre quando critica a miscigenação entre negros e brancos no Brasil, fator que teria “estragado” ambas as raças, numa vã esperança de que a raça negra seria assimilada através de um gradual “branqueamento” – como esperava Sívio

Romero [1851-1914] –, mas que só havia produzido tipos fracos, indolentes e intelectualmente limitados – como lastimava Nina Rodrigues [1862-1906] (Toledo, 2008).

Na narrativa de *O presidente negro*, Monteiro Lobato demonstra enxergar no povo norte-americano um idealismo bem diferente ao dos povos latinos, sendo que os primeiros possuíam um idealismo “orgânico” e “pragmático”, ao contrário das utopias “furiosas” dos segundos, impossíveis de serem realizadas e que só trariam de volta os tumultos, as violências e as retóricas vazias da Revolução Francesa de 1789. Segundo ele, a própria colonização dos Estados Unidos havia atraído as melhores raças europeias através da seleção de imigrantes, processo histórico que teve como “único erro” a promoção da entrada dos negros no país; fato que não o impediu de se tornar o novo centro econômico mundial. Dentro desta idealização da sociedade norte-americana, Lobato chega a glorificar a pessoa do empresário Henry Ford [1863-1947], por ter introduzido a standardização dos produtos e promovido a harmonização entre o capital e o trabalho em seus empreendimentos; livrando assim a “América” tanto do espírito de casta asiático quanto da luta de classes predominante na Europa. Fica evidente, portanto, que o outro lado da moeda da sua admiração pelos Estados Unidos é seu desencanto com o “Velho Continente”, numa época pós-Primeira Guerra Mundial, momento em que se iniciou a decadência europeia e a ascensão norte-americana. Lobato cita *en passant* o “desastre germânico” no conflito de 1914-1918 e prevê a substituição da raça branca europeia pelos amarelos mongóis, não escondendo inclusive sua impressão de que a culpa por tais acontecimentos futuros estariam mais uma vez na conta das fraquezas dos ideais utópicos da Revolução Francesa.

Ao tentarmos responder se Monteiro Lobato era ou não racista, chegamos à conclusão que a resposta mais correta seria um sonoro sim, pois ele parte dos mesmos pressupostos defendidos pelas teorias racistas contemporâneas. Em primeiro lugar, podemos apontar a ideia central da superioridade da raça branca, os arianos originários do vale do rio Ganges e que se espalharam para dominar a Europa; esta também é a base das teorias nazistas para justificar a dominação dos alemães – os “arianos puros” – sobre

os “brancos impuros”: latinos e eslavos. A tese do eugenismo também foi levada às suas últimas consequências na Alemanha de Adolf Hitler [1889-1945], com a eliminação física de doentes mentais, deficientes físicos e outros setores considerados “inúteis” e prejudiciais ao desenvolvimento da “raça branca superior”. Por fim, não podemos deixar de perceber certa semelhança entre o extermínio de 6 milhões de judeus e a solução apontada no romance de Monteiro Lobato em relação ao “perigo negro” nos Estados Unidos do futuro, ou seja, a eliminação da raça considerada “inferior”; somente os métodos foram diferentes. Causou-me também grande estranheza, a defesa do “sangue da raça” e das “razões de raça” como estando acima da justiça, acima do país, acima da política e mesmo da Constituição, um argumento que somente um racista radical seria capaz de defender abertamente para eliminar a outra raça “inferior”.

Com o parágrafo anterior não quero afirmar que Monteiro Lobato era um nazista, pois sabemos que ele esteve do lado antifascista durante a Segunda Guerra Mundial (Toledo, 2008), mas apenas que partia dos mesmos pressupostos teóricos: a eugenia. Não podemos ignorar que tais concepções racistas toleraram as práticas do nazismo alemão em toda a Europa, bem como de outros governos em diferentes partes do mundo. Portanto, a meu ver, *O presidente negro* está repleto de sentimento racista, tanto na defesa de um eventual processo de “despigmentação” e “desencarapinhamento” dos negros norte-americanos quanto na “esterilização” dos mesmos com fins de eliminá-los da sociedade a médio e longo prazo.

Não podemos esquecer de apontar, em nossa constatação do racismo no interior do pensamento de Monteiro Lobato, o seguinte trecho de sua carta ao médico baiano Arthur Neiva [1880-1943], datada de 10 de abril de 1928:

Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan [*sic!*], é paiz perdido para altos destinos. André Siegfried [1875-1959] resume numa phrase as duas attitudes. “Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brazil.” Um dia se fará justiça ao Klux Klan [*sic!*]; tivéssemos ahi uma defeza desta ordem, **que mantem o negro no seu lugar** [grifo nosso], e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo o jogo do gallego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destróe a capacidade constructiva (Ferez Júnior; Nascimento; Eisenberg, 2013).

Por fim, a própria distinção feita por Monteiro Lobato, em *O presidente negro*, da contribuição das duas raças na construção dos Estados Unidos – os negros com o “esforço braçal” e os brancos com o “esforço mental” – ilustra muito bem sua visão de que os negros seriam inferiores mentalmente aos brancos, tendo apenas sua força física como socialmente aproveitável.

Referências Bibliográficas

FERES JÚNIOR, J.; NASCIMENTO, L. F.; EISENBERG, Z. W. Monteiro Lobato e o politicamente correto. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 56, n.1, jan./mar. 2013. <http://scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52582013000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 11 jun. 2015.

GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

LAJOLO, Marisa. A figura do negro em Monteiro Lobato. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, n. 23, p. 23-31, set./out. 1998.

MONTEIRO LOBATO, José B. (2009). *Caçadas de Pedrinho*. 3. ed. São Paulo: Globo.

_____. (1979). *O presidente negro ou choque das raças: romance americano do ano 2228*. 13. ed. São Paulo: Brasiliense.

TOLEDO, R. P. Visionário espiroqueta. *Revista Piauí*, São Paulo, n. 25, out. 2008. <<http://revistapiauí.estadão.com.br/edicao-25/questoes-litero-raciais/visionario-espiroqueta>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de (1982). *O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato*. São Paulo: Traço.